

NUNCA É TARDE PARA A INCLUSÃO AOS MEIOS DIGITAIS

Ana Paula Oliveira Sant'Ana¹

anapaulaueg27@hotmail.com

Clotilde Aparecida dos Santos²

clotildeappedagogia@gmail.com

Mirza Seabra Toschi³

¹Discente do curso de Pedagogia, bolsista no Ciranda Digital da Cidadania/Fapeg, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis(GO);

²Docente da Universidade Estadual de Goiás, mirza.seabra@gmail.com, Anápolis (GO).

PALAVRAS CHAVE: Idosos. Tecnologia. Internet.

O Projeto de pesquisa Ciranda Digital da Cidadania, do programa Redes Digitais da Cidadania, teve como objetivo a interação digital entre os idosos que desejavam obter o aprendizado do uso da Internet. O intuito deste projeto foi tornar os idosos digitais, permitindo assim que eles permeassem neste mundo desconhecido, que alcançassem maior acesso aos meios digitais, possibilitando uma maior facilidade de comunicação no seu cotidiano.

A pesquisa teve o tempo de duração de dois anos, de agosto de 2014 a julho de 2016, foi realizada por docentes e estudantes da UEG (Universidade Estadual de Goiás) e pela Rede Goiana de Pesquisa em Políticas Públicas e Inclusão Digital (REPPID), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa de Goiás (FAPEG) e Ministério das Comunicações.

No início da coleta de dados, quando começamos ir para as praças digitais, tivemos poucos atendimentos. Isso ocorreu devido ao fato da cidade estar muito violenta e os idosos em praças se tornam alvo fácil para criminosos, ainda mais utilizando aparelhos eletrônicos. As praças já não podem mais ser consideradas como locais calmos destinados para lazer, lugares em que podemos ir com os familiares tranquilamente. A maioria das praças está localizada ao lado de ruas movimentadas, e esse fato acaba se tornando bastante perigoso, pois para ter acesso as praças é necessário percorrer por ruas de grande movimento.

O que o idoso quer, não é dominar os meios tecnológicos, mas buscar a inclusão, o pertencimento à era digital, buscar sua autonomia no que tange ao uso das tecnologias.

Kachar (2003) enfatiza ainda que há poucos estudos científicos

relacionados ao aprendizado da informática para idosos e revela que os cursos ainda não apontam métodos de ensino e aprendizagem direcionados especificamente para esse público.

De acordo com Vital (2005), diante do desafio de atender as demandas da população da terceira idade, em acordo com suas expectativas e interesses coletivos, os trabalhos que veem sendo realizados na Universidade Aberta para Terceira Idade (Unati) têm dado parcela de contribuição relevante no desenvolvimento da nossa sociedade relativa à população dessa faixa etária.

Os idosos que participaram das oficinas são em sua grande maioria mulheres viúvas e aposentadas, com no máximo cinco anos de escolaridade. Os relatos feitos por elas era quase sempre os mesmos, pediam para os filhos, netos ajudarem a fazer alguma operação principalmente no celular, e ao invés de ensiná-las a fazer fazendo passo a passo, mostrando como fazer, não, já pegavam e faziam, não oportunizando-as ter autonomia para fazer sozinhas em outra ocasião. A grande maioria das atendidas relatou isso.

Nota-se que, como argumenta Santarosa (2009), muitos dos (as) atendidos (as) demonstraram dificuldades em fazer uso dos meios tecnológicos e, segundo a autora, as dificuldades existem porque a população da terceira idade se desenvolveu em um contexto histórico e social no qual as tecnologias se encontravam em processo ainda muito rudimentar em comparação ao que se tem hoje.

A primeira praça escolhida foi a praça Abílio Wolney (Antiga Praça do Ancião), onde estaríamos presentes do dia 17 a 28/08/15. Nos dias em que estivemos presentes apenas uma senhora que trabalhava na prefeitura se interessou pelo projeto e foi atendida por uma das nossas monitoras. Ela tinha baixa escolaridade, o celular que possuía não era digital, e mesmo assim a complexidade em utilizar era muita grande. Concluímos que os atendimentos foram poucos devido ao fato do projeto não ter tido grande divulgação, com isso, as coordenadoras do projeto tiveram a ideia de fazer panfletos para divulgar o projeto em pontos de ônibus e também na Praça Bom Jesus, a praça central da cidade e que apresenta grande fluxo de pessoas.

O segundo local escolhido foi o Parque Ambiental Ipiranga, onde ficamos do dia 08 ao dia 18/09/15. Nesses dias em que estávamos presentes no parque Ipiranga a procura foi pequena. Foi atendida apenas uma senhora que compareceu todos os dias procurando aprender a usar o celular digital que havia ganhado havia pouco tempo,

tendo como objetivo usar as redes sociais. Quando uma das monitoras tinha alguma dúvida havia cooperação, tendo como objetivo o melhor aprendizado a atendida.

Dia 21/ 09 ao dia 02/10/15 estivemos presentes na praça Cónego Trindade. Como na praça não havia nenhum ambiente que tivesse sombra ficamos no laboratório de informática do Colégio Zeca Batista, que fica localizado ao lado da praça, onde seria mais fácil os atendimentos, infelizmente não houve nenhuma procura. Como o laboratório ficava fechado sem uso e os monitores da pesquisa estavam presentes sem ninguém para atender, a diretora liberou os alunos para utilizarem os computadores durante o intervalo.

Seguindo a escala das praças digitais em que estaríamos presentes do dia 05 ao dia 16/10/15 ficamos na praça Badia D'aher, que também não tivemos nenhum atendimento. Esse local é uma praça que tem bastante sombra, um lugar ideal para lazer e descanso, mas que, ao mesmo tempo, se torna um lugar perigoso, pois fica ao lado de uma avenida muito movimentada.

Nas praças em que realizamos nossa pesquisa constatamos que os atendimentos estavam sendo muito pouco, com relação ao que estávamos esperando. Então, depois de uma conversa com a coordenação do CCI, que nos informou sobre o receio de idosos irem para as praças, foi realizada uma reunião com a equipe do projeto e nele foi decidido mudar esse atendimento para o CCI (Centro de Convivência de Idosos), onde encontraríamos o público alvo que procurávamos atender.

Como previa o projeto, realizamos atendimento em quatro telecentros, os mais ativos de Anápolis, conforme informação da SMCT&I. No entanto, percebemos também que os idosos não frequentam telecentros.

Nossos últimos atendimentos foram feitos no SESI Jaiara onde fomos muito bem recepcionados pela equipe. A procura foi muito melhor do que esperávamos, pois nos telecentros que estávamos anteriormente não tivemos procuras.

Essa pesquisa foi muito importante tanto para nossa vida profissional quanto pessoal, estávamos sempre em convívio com pessoas mais velhas que tinham uma experiência de vida muito maior que nós, podendo então ensinar nossos conhecimentos tecnológicos, mas também aprendendo muitas coisas que iremos vivenciar em nossas

vidas ao longo dos anos, havendo assim uma troca entre conhecimentos.

No começo dos atendimentos não sabíamos como iria ocorrer, se teríamos demanda ou não. Nas primeiras praças em que estivemos ficamos um pouco desapontadas, pois os atendimentos foram mínimos. Com isso, a coordenadora do projeto tomou a providência de irmos para o CCI (Centro de Convivência de Idosos), onde tivemos vários idosos muito interessados em aprender, e lá ficamos por alguns meses atendendo. Depois, estivemos também nos telecentros onde a procura foi mínima, mas como o objetivo da pesquisa era cirandar, estivemos presentes dando a oportunidade de ensinar. Depois estivemos no SESI Jaiara, onde encontramos idosos com um interesse muito grande em se tornar digital, fato que nos instigava a querer manter a pesquisa, pois percebemos que haviam pessoas interessadas em aprender e, com o nosso auxílio, tais pessoas ingressavam no mundo digital.

No final da pesquisa vendo todos os resultados que tivemos foi muito gratificante, e percebemos que de mãos dadas podemos melhorar as coisas. Vendo o agradecimento dos idosos, a alegria no olhar de terem se tornando pessoas que sabem usar a Internet, sabendo que não estão excluídos da vida digital, isso nos dá mais ânimo em saber que estaremos formando em uma profissão que temos o dever de ensinar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

KACHAR, V. **Terceira idade & informática: aprender revelando potencialidades.** São Paulo: Cortez, 2003

VIEIRA, M. C.; SANTAROSA, L. M. C. O uso do computador e da Internet e a participação em cursos de informática por idosos: meios digitais, finalidades sociais.

VITAL, S. S. **Afetividade e prática docente com idosos.** Holambra: Setembro, 2005